

O ornamento nas artes visuais: temas e abordagens na pesquisa contemporânea

Em seu vigésimo sétimo número a revista PALÍNDROMO apresenta 19 artigos inéditos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Destes, 8 são do dossiê temático, no qual propomos uma reflexão sobre **o ornamento nas artes visuais**, tema que possui uma longa e polêmica trajetória na História das Artes e que, nas últimas décadas, vem recebendo renovados olhares, o que indica sua relevância e atualidade.

As contribuições do dossiê nos permitem algumas considerações acerca do estado das pesquisas sobre o tema em questão. Por um lado, a diversidade de campos do conhecimento e de origens institucionais dos colaboradores aponta para o fato do ornamento estar sendo pensado de modo interdisciplinar, por pesquisadores das artes plásticas, da arquitetura, da filosofia e do design, provenientes tanto de instituições brasileiras quanto estrangeiras, indicando a riqueza e o alcance do debate; por outro, a variedade de enfoques e abordagens evidencia as múltiplas possibilidades de aproximação ao assunto, assim como a presença do ornamento em variados períodos e produções da História das Artes.

Há que se destacar a relevância dos artigos recebidos nesta edição, dois de renomadas pesquisadoras internacionais, atuantes nas mais importantes e recentes discussões sobre o tema, travadas sobretudo no circuito acadêmico europeu, e outros de pesquisadores nacionais, não menos renomados, que se destacam em seu campo de atuação e em seus programas de pós-graduação como pesquisadores e orientadores, assim como nas discussões científicas sobre o tema no Brasil e no mundo.

Em dois dos artigos os autores se propuseram a abordar aquilo que talvez seja o ponto nevrálgico das pesquisas sobre o tema: a "crise" do ornamento na modernidade; visto de outro modo, as críticas e os questionamentos sobre a validade do ornamento na vida moderna. O primeiro desses inaugura o dossiê. Trata-se do texto **The crisis of ornament: evaluation and intercultural divergences in the visual arts of the 19th and early 20th centuries**, de Barbara von Orelli-Messerli, professora e pesquisadora do *Kunsthistorisches Institut* da Universidade de Zurique, que traça um esclarecedor panorama do percurso do ornamento desde princípios do século XIX até a atualidade, a partir das principais vozes teóricas e correntes artísticas do período. Trata-se de leitura central para aqueles que intencionam compreender os meandros da trajetória do ornamento na modernidade artística ocidental. O segundo artigo, **Do ornamento ao design total: um panorama histórico a partir de Hal Foster**, de autoria de Marcos N. Beccari, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Paraná (UFPR), concentra-se na discussão sobre as relações entre o *Art Nouveau* e a ideia de "design total" levantada pelo crítico norte-americano Hal Foster no texto *Design e crime*. Revisando o ponto de vista de Foster acerca da difusão do design

na vida contemporânea e seus pontos de semelhança com a pretensão totalizante do *Art Nouveau*, Beccari, de modo claro e consistente, argumenta que, contrariamente aos discursos que sustentam ser o design uma superação do ornamento, “o design atua em larga medida à guisa de uma racionalidade ornamental que mobiliza de assalariados a dirigentes em busca de um lugar no mercado do ‘desenvolvimento pessoal’”. O texto traz uma ótima oportunidade de reflexão sobre o contemporâneo.

De outro modo estão os trabalhos de Ariane Varela Braga, pesquisadora da Universidade de Genebra, e o de Eliane Baader de Lima, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Ambos dão visibilidade a teóricos oitocentistas que reivindicaram veementemente o ornamento como elemento fundamental da vida e das artes. O artigo **Owen Jones, Gottfried Semper et les origines anthropologiques de l’art ornamental**, de Ariane Varela Braga, oferece um valioso aprofundamento nos discursos dos teóricos Owen Jones e Gottfried Semper, que situaram o ornamento na origem das expressões artísticas, reflexão elaborada a partir do estudo de artefatos das culturas primitivas e que, de acordo com a autora, permitiu-lhes “construir um raciocínio teórico sobre a base de um valor fundacional” e de validade intemporal. As reflexões destes teóricos aqui apresentadas constituem importantes aportes ao debate oitocentista sobre o estilo e a qualidade dos artefatos industriais. Já Eliane Baader de Lima, em **O ornamento no pensamento de John Ruskin**, percorre, de modo claro, as diversas e sofisticadas facetas das ponderações de Ruskin sobre aquilo que ele considerava “a mais pura ‘expressão de alegria do homem na obra de Deus’”. É sobretudo pensando o ornamento sob o ponto de vista não somente estético, mas também social, moral e ético, que as reflexões ruskinianas permanecem tão atuais e fazem do autor uma leitura sempre muito válida.

Barbara von Orelli-Messerli contextualiza na arte moderna o processo através do qual o ornamento vira arte, mas o dossiê conta ainda com dois artigos totalmente dedicados à relação entre ornamento e arte. Maria Cristina Correia Leandro Pereira, Livre Docente da área de História Medieval do Departamento de História da USP, debruça-se sobre obras do pintor português Grão Vasco (?-1542/1543) e no artigo **As letras como ornamentação: as iniciais nos livros representados na pintura do Grão Vasco (?-1542/1543)** somos convidados a mergulhar nas imagens e observar em detalhe as letras dos livros de suas pinturas. Contextualiza a letra como ornamento no contexto medieval, especialmente as iniciais dos textos; refere o livro como elemento iconográfico na tradição cristã, mas também como um aspecto bastante presente na obra de Grão Vasco, como revela um levantamento feito pela autora. Aqui a discussão do ornamento se estende, pois, se na arte moderna ele é artifício para a quebra da tradição da representação tridimensional do espaço, na obra do artista renascentista as letras servem ao paradigma realista, ao mesmo tempo que desempenham função ornamental. O artigo de Maryella Sobrinho, professora do Instituto Federal de Goiás (IFG), **Alguns usos do ornamento na arte contemporânea: Roy Lichtenstein, Ana Elisa Egreja e Cristina Iglesias**, aplica a noção de ornamento para pensar obras de arte Pop e contemporâneas. Focaliza em obras pouco conhecidas de Lichtenstein a partir de fotografias de detalhes arquitetônicos de edificações nova-iorquinas, que ele reproduz em serigrafias, numa interessante operação na qual o ornamento é registra-

do na arquitetura, descontextualizado e tornado arte, libertando-se de sua frequente subordinação. Nas pinturas de Egreja, o hiper-realismo e a negação do realismo – afirmação da bidimensionalidade da pintura – se chocam nas padronagens ornamentais. Aqui vemos a afirmação do aspecto decorativo seminal em Matisse, reatualizado para o contemporâneo. As *celosías* de Iglesias são verdadeiras sínteses dialéticas da questão do ornamento na arquitetura, design e artes visuais – ao incorporar o uso dos padrões decorativos mouriscos que influenciaram a arquitetura espanhola, a artista afirma a atualidade do uso do ornamento, perspicazmente observado por Sobrinho.

No artigo **Costurando conversas de varanda: manifestações ornamentais, subjetivas e memoriais em fachadas e palavras da cidade de papel**, Fernanda Guimarães Goulart, professora do Departamento de Desenho da UFMG, oferece uma perspectiva diferente do ornamento, pois, dos escritos dos teóricos, passamos às varandas de residências em Belo Horizonte, e ouvimos as vozes de seus moradores e a compreensão de um ornamento ora ignorado, ora redefinido no que a autora chama de “casas patchwork”. Aqui a interdisciplinaridade faz o ornamento ser o fio condutor de conversas em abordagem híbrida entre arquitetura e antropologia.

Por fim, Fabiana Pedroni, do Instituto de Artes da UNESP, no artigo **O poder do ornamento: da forma decorativa ao ornamental**, em uma singular contribuição, se dedica a enfrentar o debate epistemológico sobre o tema. Partindo dos textos dos estudiosos Oleg Grabar e Jean-Claude Bonne, a autora apresenta uma reflexão tanto sobre os sentidos etimológicos do termo ornamento e de vocábulos associados como ornamentação, ornamental e ornamentalidade, quanto sobre seu propósito e modo de funcionamento. O texto reclama outras possibilidades de atuação do ornamento além daquela formal-decorativa, advertindo sobre a necessidade de se considerar aspectos como materialidade, função, uso e poder nas reflexões teóricas sobre o assunto.

Na **seção aberta**, destacam-se 11 contribuições, que apontam para uma variedade de temas e abordagens, compreendendo artigos de reflexão na Teoria e História da Arte, alguns de aproximação de Processos Artísticos; contemplados também os estudos sobre o Ensino da Arte e outros artigos de escopo mais geral. Queremos deixar nosso agradecimento a todos os colaboradores e pareceristas deste número da revista PALÍNDROMO, e em especial à editora, professora Mara Rúbia Sant’Anna. Esperamos que os leitores se deparem aqui com estimulantes reflexões que possam enriquecer a diversidade que compõe a História das Artes.

Alice de Oliveira Viana (PPGAV-UDESC)
Luana Maribele Wedekin (PPGAV-UDESC)
Editoras de Seção